
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

GUILHERME RODRIGUES DE OLIVEIRA

**TEMPO X INFÂNCIA: A MASSIFICAÇÃO DA
EDUCAÇÃO E A CONSTITUIÇÃO DE
INDIVÍDUOS PADRONIZADOS**



Rio Claro - SP
2022

GUILHERME RODRIGUES DE OLIVEIRA

**TEMPO X INFÂNCIA: A MASSIFICAÇÃO DA EDUCAÇÃO E A
CONSTITUIÇÃO DE INDIVÍDUOS PADRONIZADOS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Biociências –
Câmpus de Rio Claro, da Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”,
para obtenção do grau de Licenciado em
Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. César Donizetti Pereira Leite

Coorientador: Prof. Me. Pedro Rocha Silveira de Mendonça

Rio Claro - SP
2022

O48t

Oliveira, Guilherme Rodrigues de

Tempo x infância : a massificação da educação e a constituição de indivíduos padronizados / Guilherme Rodrigues de Oliveira. -- Rio Claro, 2022
33 p. : fotos

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro

Orientador: César Donizetti Pereira Leite

Coorientador: Pedro Rocha Silveira de Mendonça

1. Infância. 2. Tempo. 3. Educação de Massa. 4. Star Wars. I. Título.

GUILHERME RODRIGUES DE OLIVEIRA

TEMPO X INFÂNCIA: A MASSIFICAÇÃO DA EDUCAÇÃO E A CONSTITUIÇÃO DE INDIVÍDUOS PADRONIZADOS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Biociências –
Câmpus de Rio Claro, da Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”,
para obtenção do grau de Licenciado em
Pedagogia.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. César Donizetti Pereira Leite
(orientador)

Prof. Me. Pedro Rocha Silveira de Mendonça
(coorientador)

Prof. Dra. Raquel Fontes Borghi

Prof. Me. Íria Bonfim Gavioli

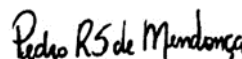
Aprovado em: 10 de novembro de 2022



Assinatura do discente



Assinatura do(a) orientador(a)



Assinatura do(a) coorientador(a)

Rio Claro - SP
2022

Dedico este trabalho a Marilena, Adalzisa, Roberto e
Barú, meus velhinhos confidentes que tanto me
ensinaram e me amaram.

AGRADECIMENTOS

Agradecer. Não tenho dificuldades em agradecer aqueles que me ajudaram a chegar até ao fim desta aventura chamada graduação, porém é complicado citar nomes e deixar alguém de fora, visto que foram tantas pessoas, tantos momentos, tantas emoções que eu não consigo descrever em palavras, talvez nem em lágrimas que me acompanham na reta final de escrita deste trabalho.

Uma semana antes da entrega do TCC tive que ser internado na UTI e, por incrível que pareça, o trabalho era a minha preocupação. Enquanto médicos/médicas/enfermeiros e enfermeiras lutavam para descobrir o que havia acontecido comigo, enquanto isso estava eu lá querendo um computador para escrever o TCC.

Saí da UTI e aqui estou escrevendo estes agradecimentos.

Queria então agradecer a todos e todas que percorreram essa jornada comigo, amigos, amigas, colegas de turma, professores e professoras, familiares, amores que surgiram, ao Dexter e a Bellinha.

Porém, não poderia de citar alguns nomes importantes nessa trajetória. Meus pais, Tita e Pauleta, meu irmão Du, meu cunhado Doug. Vocês são a minha fortaleza, as pessoas que fazem dos meus dias mais confortáveis e que, a sua maneira, transformam os meus dias sempre que possível.

O pessoal dos “Cavaleiros do Zodíaco” que logo na primeira semana de aula entraram na minha vida e nunca mais sairão: Julia, Juliana, Cadu, Cher, Mariá, Paloma, Vibes, obrigado por existirem e por facilitarem a minha vida nesses 4 anos. Nossos caminhos tinham que se cruzar e eu sou extremamente grato a vocês por isso, de coração, meio bambo, amo vocês.

Ao pessoal do grupo chapisco, dos abaladores e do pró-doping, sempre presentes em minha vida e minha caminhada me aturando e apoiando nos melhores e piores momentos, vocês são demais, saudades de todos vocês.

Ao Grupo Imago, que me acolheu como mais um deles durante a pandemia e se tornaram presentes na minha vida, na minha jornada e, hoje, são grandes amigos/amigos e companheiros de luta por uma educação melhor.

A minha madrinha Teresa que me acolheu não só no meu nascimento e durante toda a minha vida, mas nessa dura jornada que é a graduação. Quando optei por trocar de caminho ela estava lá e quando escolhi pelo campus de rio claro ela me cedeu sua casa, seu abraço e seu espaço para que eu realizasse esse sonho. Não poderia deixar de mencionar meus primos Vitor e Leonel que me cederam quarto, carinhos e experiências que ficarão gravados eternamente em meu coração. Ao Juliano e Murillo que tantas vezes me abraçaram nessa temporada.

Queria dedicar um espaço ao César Leite, meu orientador, amigo e mestre. Orientador não daqueles que orienta, mas daqueles que transforma, que potencializa e que materializa o que há de melhor na arte do educar. Amigo, pois acolhe, apoia, defende e mantém de pé. Mestre ignorante, assim como fala Rancière, um mestre que não impõe verdades, que permite o acesso sem dominar, que desterritorializa e descoloniza a relação, que permite subjetividade e produz multiplicidades. Se esse trabalho existe foi por tudo o que você me permitiu construir ao longo desses 4 anos que nos conhecemos, muito obrigado.

Finalmente, ao meu coorientador Pedro Mendonça, que topou essa jornada intergaláctica comigo de discutir sobre dois assuntos que eu amo, educação e Star Wars, e que me aguentou mandando mensagens, e-mails, dúvidas, questionamentos, me auxiliando a encontrar o educador que habita em mim. Suas falas, seus gestos de carinho e seus conhecimentos facilitaram demais a produção deste trabalho. Você é incrível e espero te levar para a vida.

Não posso deixar de agradecer médicos/médicas/enfermeiros/enfermeiras que cuidaram de mim enquanto estive internado na UTI uma semana antes da entrega deste trabalho, pois sem eles e elas nada estaria sendo escrito. Vocês salvaram minha vida e eu serei eternamente grato. Nessa mesma toada, queria

agradecer aos amigos que me socorreram quando eu mais precisei de suporte, quando estava ali lutando para viver: Delivery, Alba, Isa Pennatti sem vocês eu não estaria aqui, de verdade, obrigado.

Gostaria de encerrar esse agradecimento a mim mesmo, que pude me fortalecer após uma internação, que pude resistir quando meu corpo não quis mais, que estou aqui vivendo e experienciando esse negócio que chamam de vida.

Finalizo, agora de verdade, com um texto que muito significa para mim da obra de Manoel de Barros:

“A maior riqueza do homem é a sua incompletude. Nesse ponto sou abastado. Palavras que me aceitam como sou - eu não aceito. Não agüento ser apenas um sujeito que abre portas, que puxa válvulas, que olha o relógio, que compra pão às 6 horas da tarde, que vai lá fora, que aponta lápis, que vê a uva etc. etc. Perdoai. Mas eu preciso ser Outros. Eu penso renovar o homem usando borboletas. “

“Com o tempo aprenderás a confiar em teus instintos,
então serás invencível” - Obi-Wan Kenobi.

RESUMO

Este trabalho tem o intuito de propor reflexões acerca do tempo e da infância na educação infantil, perpassando suas análises pelos conceitos de “educação de massa” e “educação coletiva”. Manusear esses conceitos não necessariamente quer dizer que estamos propondo novas características de educação, mas sim, estamos analisando como se porta uma educação que cria modelos únicos de indivíduos, negando suas subjetividades para o mercado de trabalho. Utilizaremos dos filmes de Star Wars para propor uma analogia com o personagem Anakin Skywalker e sua constituição quanto indivíduo até tornar-se Darth Vader, vilão da história e considerado um estudante problema, visto que ele não se adequa aos modelos propostos pelo ensino Jedi.

Palavras-chave: Infância; Tempo; Educação de Massa; Star Wars.

ABSTRACT

This paper aims to propose reflections about time and childhood in early childhood education, going through its analysis by the concepts of "mass education" and "collective education". Handling these concepts does not necessarily mean that we are proposing new characteristics of education, but rather, we are analyzing how an education that creates unique models of individuals, denying their subjectivities for the labor market, behaves. We will use the Star Wars movies to propose an analogy with the character Anakin Skywalker and his constitution as an individual until he becomes Darth Vader, the villain of the story and considered a problem student, since he does not fit the models proposed by Jedi education.

Keywords: Childhood; Time; Mass Education; Star Wars.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
2	O TEMPO.....	19
2.1	A EDUCAÇÃO DE MASSA.....	23
3	A INFÂNCIA.....	25
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
5	REFERÊNCIAS.....	34

1. INTRODUÇÃO



(Fonte: <https://rpaskin.medium.com/colocando-um-servidor-no-ar-em-15-minutos-a92dd84ca592>)

Há muito tempo em uma galáxia muito, muito distante....

Fãs da saga “Star Wars” tremem, gritam, se emocionam, anseiam pela história que se inicia após a música e as frases que a acompanham quando este encarte aparece na tela, como se fosse um letreiro. Após os “trailers” essa é a primeira imagem que aparece. É o começo. O início. A introdução do filme que se seguirá nas próximas horas. Após essa imagem e uma breve explicação da história que se sucederá ela ganha corpo, forma, força, se potencializa nas luzes, nos sons, nas atuações e nas personagens. Eu sou um desses fãs. Apaixonado pelas trilologias, pelas sequências em desenhos animados, pelas histórias paralelas que se conectam, ou não, com as histórias principais, tirando dúvidas e superando problemas de roteiro que surgem no decorrer dos tempos.

Além de um fã de “Star Wars”, sou um futuro educador, que enxerga através do tecnicismo formativo que impregna a formação dos professores e, consequentemente, das crianças, que vislumbra uma educação pública de qualidade, que questiona o projeto político que chamaremos neste trabalho de “educação de massa”, dentre outros questionamentos que se apresentarão no decorrer dessa jornada de escrita.

Tento, através da arte e da filosofia, tratar do cenário educativo, alinhando as metáforas que se apresentam no filme com as minhas vivências e experiências na escola e na universidade. Transformar essas metáforas fazendo analogias a educação, questionando suas peculiaridades e suas formas, questionando modelos pré-determinados de educação e de experiências, refletindo sobre as potencialidades infantis e das crianças.

Porém, antes de trazer as problemáticas desta trama chamada de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), entendemos necessário explicar um pouco da minha jornada que antecede essa escrita, essa escrita-experiência, essa metaforização das problemáticas educacionais se pautando na obra de George Lucas.¹

A educação aparece na minha vida logo ao meu nascimento. Em casa, minha mãe uma terapeuta ocupacional sempre vivenciou e experienciou as questões educacionais em seu trabalho. Minha avó, uma militante do franciscanismo, era contadora de histórias e, em conjunto com sua fraternidade, tentava levar educação para comunidades menos abastadas de maneira lúdica. Meu bisavô, entendia a educação como fundamental para a vivência em sociedade e, por conta disso, dava oportunidade para que presidiários de Rio Claro se reintegrassem a sociedade através do trabalho e da educação.

Por conta disso, entendo que a educação sempre constituiu o meu “eu”. Desde cedo questionei, às vezes comigo, às vezes com colegas, algumas vezes com professores e professoras. Esses questionamentos, surgem a partir de uma insatisfação com a formatação educacional, sobre como notas são supervalorizadas, sobre como uma rigidez comportamental afetava a minha aprendizagem, sobre como o meu emocional afetava meus estudos e, principalmente, sobre qual seria a efetivação daquelas aprendizagens.

Claro, com meus 13/14 anos eu não tinha esses conceitos estabelecidos e as dúvidas não eram tão claras, porém o incomodo já existia ali e, por conta disso, passei a ser taxado como um estudante mediano/ruim, já que não atingia as melhores notas, não era o mais informado, não era o mais participativo, deixando

¹ Produtor cinematográfico, filantropista, roteirista e diretor de cinema americano, criador das franquias “Star Wars” e “Indiana Jones”. (wikipedia).

o protagonismo para meus colegas. Essa ideia de um estudante ideal, um estudante que se destaca, um estudante bom ou ruim é muito presente nas escolas e são constituídas a partir de uma vontade de gerar indivíduos que se constituem da absorção, das notas e não efetivamente de conhecimentos e isso gera um problema grande para um país em que a educação é sucateada.

Efetivar um pensamento meritocrata na educação alivia as problemáticas da estrutura, culpabilizando, assim, os sujeitos da educação que são estudantes e professores e professoras. Nesse sentido, este trabalho visa discutir essas questões, apresentando não uma solução, mas sim uma reflexão acerca das problemáticas do que chamamos de “educação de massa”.

Em decorrência dos questionamentos acima elencados, e por uma leve pressão da família, fui cursar Direito, pois tinha o sonho de trabalhar com pessoas e poder ajudá-las, sim, isso mesmo, como se fosse o salvador da pátria. Trabalhei em escritórios grandes, pequenos e de médio porte. Nunca me encontrei. Apenas me afastei das minhas convicções e acabei me afundando em uma depressão.

“Star Wars” me acompanhou nesse momento com filmes, jogos de vídeo game, histórias em quadrinhos e desenhos animados. Superei esse momento e resolvi abandonar a advocacia logo após ter sido aprovado no exame da OAB.

A pedagogia ressignificou a minha jornada, pois, através dela, percebi que a educação ainda fazia parte dos meus sonhos e se apresentava como uma solução viável para os meus questionamentos sobre o que fazer.

Terminar um ciclo e adentrar em outro nunca é simples, sempre se pauta nos privilégios, porém ela foi extremamente significativa, pois permitiu que eu me envolvesse com pessoas que são fundamentais para que este trabalho tome forma.

Durante a graduação em pedagogia conheci diversas pessoas que agregaram diversos conhecimentos, diversas reflexões e muita amizade, me fazendo entender que eu ainda estava começando, porém ajudaram a esse momento ser o melhor possível. Encontrar e participar do Grupo Imago², por exemplo, me permitiu conhecer a pesquisa, a ideia de ser um cientista da

² IMAGO – Laboratório da Imagem, Experiência e Criação. Grupo de pesquisa vinculado ao departamento de educação da UNESP, campus Rio Claro.

educação, fazendo com que eu me aprofundasse, ainda mais, em conceitos que não fazem parte de uma ideia comum de se pensar a educação, expandindo ainda mais as minhas possibilidades perante este trabalho.

Durante a graduação, conheci a educação infantil, que se tornou a minha paixão e o ambiente que minhas pesquisas se realizam, e se realizarão no futuro. Relacionar as infâncias, entender as experiências e vivências daquele espaço, observar os coletivos que ali se formam, se questionar, a todo instante, o tipo de educador e de educação que quero para mim se apresentam nesse espaço.

A analogia entre “Star Wars” e a pedagogia surge desse espaço, pois é nele que não podemos embrutecer (RANCIÈRE, 2002), é nele que se enraízam os mais diversos traumas, é aqui que temos seres livres de manias e trejeitos, modulando o seu próprio tempo e sua própria subjetividade.

A temática do meu Trabalho de conclusão de curso (TCC) sempre me deixou apreensivo, pois a dificuldade de escolha de recortes de tudo o que é aprendido na graduação e, principalmente, escolher algo que me deixe confortável.

Por conta disso, decidi, lá no início, que meu TCC fugiria das padronizações que nos são impostas e partiria de estruturar os meus conhecimentos com alguma temática que me interessasse, fazendo com que eu unisse educação e alguma outra temática. Escolhi o cinema.

O encontro com o professor César Leite na graduação e no Grupo Imago me cativou de imediato. Suas ideias de educação, seu trabalho com imagens, cinema e educação infantil, sua delicadeza e sua maneira de instigar os estudantes me encantou.

Através do grupo percebi o potencial educacional e de analogia com a estrutura política educacional que os filmes podem trazer, sendo eles: a relação mestre e aprendiz, a “castração” de subjetividades, a retirada das individualidades, a concepção de um “estudante problema” e, principalmente, uma violência institucionalizada que escolhe quem é capaz ou não de exercer tal ofício.

Na educação brasileira atual, por conta das políticas educacionais e o tecnicismo necessário para a produção de um “trabalhador ideal”, esses questionamentos se fazem presentes, pois o modelo econômico vigente, o capitalismo, não se importa com indivíduos pensantes, indivíduos críticos e pensativos, mas sim só se importa com produção, consumo e controle.

Jogar com conceitos e trabalhar com eles a partir de uma conversa entre cinema e educação é a cara deste trabalho. Fazer analogias entre a primeira trilogia e educação será o que conduzirá as reflexões deste trabalho. Infância, tempo, espaço, educação infantil e algumas outras temáticas se apresentarão ao longo das próximas páginas.

A ideia aqui não é determinar um único modo de tempo ou uma infância “boa e ruim”, porém brincar com conceitos, apresentar novas reflexões a essas temáticas se fundamentam na necessidade de discutirmos mais as noções que temos destes assuntos.

Entendo que infância não é apenas um marco temporal da criança, que se encerra na adolescência, e que tem um caráter pejorativo quando vivenciado por adultos. A infância que trabalharemos ao longo deste escrito, tem um caráter eterno, um caráter fluído ao longo da vida, como nos diz Kohan (2007):

A infância, a natalidade, o corpo sem lei, a estética, é o que salvam o mundo de sua caducidade caduquice, de sua “ruína normal”, natural. Há mundo novo, criação, transformação porque há a infância, por que é possível frutificar o acontecimento que leva consigo cada nascimento. A infância é o reino do “como se”, do “faz de conta”, do “e se as coisas fossem de outro modo...?”, a forma única e, a uma só vez, múltipla de todo acontecimento; é levar a sério a novidade de cada nascimento; é impedir que cada nascimento se acabe em si mesmo; é tornar múltipla, diversa, a novidade de todo nascimento; é estender o nascer à vida toda e não apenas ao acontecimento biológico do parto(...) (KOHAN, 2007)

Concomitantemente a infância, necessário discutirmos o tempo e suas diversas variações que se apresentam na nossa sociedade. A ideia aqui, novamente, não é de dizer qual o melhor tempo, porém demonstrar através das formas como essa temporalidade se apresenta em conjunto com a infância, pelas crianças, pelas personagens dos filmes da primeira trilogia de Star Wars.

Discutir como o tempo está posto em nossa sociedade, através de uma visão infantil, de imagens, de fissuras que se apresentam das sinuosidades da educação infantil se faz extremamente necessário para entendermos a relação da criança com o espaço. Questionar o tempo e identificá-los se apresenta como uma forma de supormos como é as crianças se identificam perante o modelo de indivíduo proposto ao longo de sua escolaridade.

Essas ideias se materializaram ao longo das próximas páginas em discussões que permeiam a filosofia, a prática, a experiência, a pesquisa, a brincadeira. Os

modos que utilizaremos para tanto indicarão formas, modelos e encaixes que serão fissurados (RIGATO, 2021) e experienciados por crianças, personagens de ficção científica e um futuro educador que busca se infantilizar no contato com o próximo.

“as fissuras vão mostrando a complexidade dos problemas da educação infantil e como são constitutivas nos coletivos das crianças e de adultos/os, marcando a potência do trabalho da pequena infância, que é rizomático e se desdobra em muitas linhas, criando fissuras e produzindo afectos.” (RIGATO. 2021)

2. O TEMPO:

Para iniciarmos as discussões e reflexões que proporemos acerca do tempo, é necessário expormos que utilizaremos como base alguns dos tempos que a filosofia ocidental nos apresenta no curso de sua história, tentando apenas associá-los com as nossas ideias e não fazendo juízo acerca desses tempos.

Por conta disso, as ideias que apareceram ao longo deste trabalho são os tempos: cronológico, aiônico e em kairós, mais uma vez dizendo que estes não são os únicos tempos que a filosofia ocidental se utiliza, porém estes são os que permearão as nossas discussões.

O tempo cronológico é aquele que há uma medição temporal dos momentos, segundos, minutos, horas refletem a passagem do tempo que tenta organizar, de modo geral, a forma como os encontros se dão, as maneiras como a sociedade deve se estruturar na condição de controle de tempo, visando um “império do tempo”, que não consegue controlar a todos e todas, porém alcança o maior número de pessoas. Neste tempo, observamos que as pessoas ficam presas e atentas a ele a todo instante, deixando de observar os acontecimentos que ocorrem em suas vidas, se preocupando apenas em cumprir as tarefas que estão “agendadas”.

Nessa perspectiva, vindo para a realidade e fugindo dos filmes, o capitalismo se aproveitou desse modo de se viver os tempos, pois este controle se tornou útil para as características de sociedade que o sistema se propõe. Na educação, vemos a rotina organizada, o relógio na sala, os horários para brincar, comer, estudar, ir ao banheiro, “adestrando” nossas crianças, desde cedo, a entenderem que tudo deve ser organizado a partir do tempo, portanto as experiências que viveriam são provenientes do tempo que elas têm.

Deleuze nos traz uma concepção interessante sobre cronos:

“De acordo com Cronos, só o presente existe no tempo. Passado, presente e futuro não são três dimensões do tempo; só o presente preenche o tempo, o passado e o futuro são duas dimensões relativas ao presente no tempo.” (DELEUZE, 2007, p. 167)

Compondo agora com o cinema, na primeira cena do filme “A ameaça fantasma” a temática do tempo já aparece, visto que duas personagens conversam acerca de uma profecia que traz angústias e ansiedade a um deles. Na cena Obi-Wan³ e Qui-Gon⁴ estão conversando e Obi-Wan demonstra certa preocupação com o futuro que foi “profetizado” pelo Mestre Yoda⁵, gerando expectativas e angústias no jovem padawam⁶, enquanto Qui-Gon diz que ele deve se preocupar com o presente, que é nele que estamos vivendo.

Nesse contexto, podemos observar que o tempo controlado por Chronos incomoda Obi-Wan, visto que a profecia causa um certo desconforto, fazendo com que ele queira uma diferenciação na forma como o tempo se “comporta”. Outra observação que se faz importante é na preocupação com o presente. Em resumo, já que este tempo será apresentado nos próximos parágrafos, entendemos que Qui-Gon diz para Obi-Wan inverter a lógica de tempo, deixando-se levar pelo tempo Kairós, que se apresenta no agora, no presente.

Durante a trama, em diversos momentos essa inversão acontecerá, visto que os tempos não estão desvinculados dos acontecimentos e, principalmente, não se caracterizam por um ou outro, podendo acontecerem ao mesmo instante.

No tempo em *kairós*, vivenciamos as oportunidades que nos são dadas no presente, sem se questionar do passado e ansiar do futuro. O tempo é o agora e, com isso, experienciamos o momento, aproveitando de seus acontecimentos para produzir multiplicidades e experiências.

Este tempo é um momento em que crianças materializam sua infância, pois é nele que as experiências e vivências ocorrem sem quaisquer interferências externas seja de adultos, seja do espaço, seja de uma outra criança. Neste momento, o indivíduo se utiliza daquilo que lhe é apresentado para experienciá-

³ Aprendiz de Qui-Gon

⁴ Mestre Jedi

⁵ Mestre Jedi

⁶ Jovem aprendiz

lo. É possível percebermos este tempo na apresentação da personagem Anakin Skywalker⁷.

Anakin é uma criança escravizada, que produz diversas multiplicidades nas relações que acaba fomentando ao longo de sua jornada, alinhando-se a sua infância produz meios de aliviar a sua vivência enquanto escravizado, produzindo linhas de fuga ao seu entorno. As linhas de fuga não são apenas meios produzidos, se constituindo por si só ao longo percurso, auxiliando assim na produção de subjetividades dos indivíduos, Deleuze e Guattari dirão que “o trajeto se confunde não só com a subjetividade dos que percorrem, mas também com a subjetividade do próprio meio, enquanto este se reflete naqueles que o percorrem” (DELEUZE, 1997 p.73).

Um exemplo que podemos trazer deste tempo é quando Anakin participa de uma corrida de “pods”⁸ e vive aquele momento como se fosse o último, a todo instante ele se concentra e utiliza das suas experiências e vivências para conseguir finalizar a corrida e, conseqüentemente, ganhar.

As crianças têm esse “poder” de fissurar com o tempo estipulado pelos adultos, pela instituição escolar, pelo sistema capitalista e, por conta disso, amedrontam e precisam ser controladas. Observar crianças sem conduzi-las nos mostrava que elas não vivenciam o mesmo tempo que nós, adultos, visto que estão lá experienciando tudo o que aparece para elas.

Durante minha disciplina de estágio escrevi uma crônica que retrata um pouco do que podemos entender como a criança no tempo kairós.

(2.

Em meio a tantos momentos vivenciados e experienciados dentro da escola, o parque, com certeza, é o mais potente e múltiplo que percebi durante a minha estadia na educação infantil. Lá as crianças se multiplicam, se infantilizam, ocupam e se sentem parte daquele espaço que permite a socialização da criação e da descoberta.

Certo momento escuto um grito e percebo que todas as crianças se reuniram para olhar algo. Algumas crianças se atrevem a colocar o dedo, outras se afastam com as mãos no rosto, algumas desencanam e vão fazer outra coisa.

Ao me aproximar a roda se abre e uma das crianças me diz:

- Guilherme, olha, uma cobra filhote.

Outra logo em seguida:

- Não Narciso (nome fictício), é uma minhoca gigante.

⁷ Personagem principal da primeira trilogia

⁸ Veículos espaciais movidos a energia

Mais uma:

- Parem vocês, é um dinossauro.

Quando percebi, estava envolto em diversos comentários sobre o que era aquele animal. No mesmo momento, percebi que me afastava, que deixava aquele coletivo se formou não se dissipasse. Eles ficaram ali mais alguns minutos discutindo e logo me chamaram para tirar o animalzinho dali e colocasse ele em algum canto que ninguém pisasse.

Ao fazer isso, olhei para o parque e percebi que aquele grupinho tinha se dissipado e já estavam fazendo novas brincadeiras. Uns correndo se fingindo de monstros, outros fazendo comidinha na casinha, outros no balanço e na gangorra, outros apenas desbravando o amplo espaço para encontrar novidades.

Escutei novamente um grito, mas agora da professora chamando para voltarmos a sala. A tristeza que abalou as crianças também me atingiu, pois ali a infância que há muito me foi tirada se reavivava.) – crônica que escrevi para o meu relatório de estágio

Nesta crônica nos deparamos com o tempo *kairós*, visto que a única coisa que importava para elas era vivenciar aquele momento, aquela sensação. O rizoma se materializa quanto multiplicidade em forma de coletivo, se dissipando na mesma velocidade com que se criou.

O (des)interesse sobre “o filhote de cobra” demonstra a existência de *kairós* naquele instante, produzindo o que tinha que produzir ali, naquele contexto, naquele momento, produzindo vivências e experiências sem que algum adulto determinasse como as coisas deveriam acontecer. Neste relato, podemos observar uma fissura entre os tempos *kairós* e cronológico, visto que não importava se aquele coletivo se formou por 5 minutos ou 10 horas, a única coisa que importava ali era a experiência.

É por conta dessas experiências que a infância se manifesta e fissura tudo o que toca, já que as crianças, potencializadas pela infância, materializam seus coletivos, sejam eles individuais ou em conjunto. Uma criança é um coletivo, um adulto é um coletivo.

“O coletivo, assim, é uma formação não de certo número de pessoas com ideias comuns, mas de um bloco de interesses, afetos, diálogos, experiências aos quais certo número de pessoas adere, reafirmando e transformando esse mesmo bloco. Um coletivo não faz unidade, mas é formado por irradiação dessa intensidade, um condensador, agregador de sujeitos e ideais, em constantes aproximações, distanciamentos, adesões e desgarramentos. Um coletivo é, assim, fragilmente delimitável seja pelos seus membros, seja por suas áreas de atuação e influência, e seus movimentos ...” (MIGLIORIN, 2012)

Em *Aíon*, o tempo é indeterminado, sem duração, total, porém uma totalidade sem bordas. Diferentemente do tempo *kairós* em que a experiência se encerra em algum momento, em *Aíon* ele é infinito, sem determinação de início e fim.

Neste tempo, o sentido é o que se apresenta como vivência e experiência, por isso é tão complicado caminhar com este tempo, visto que os sentidos são únicos e se apresentam no olhar daquele indivíduo que o está vivenciando. O meu tempo aiônico, não é o mesmo que o de outra pessoa. Os sentidos que Anakin tem de uma realidade são diferentes do que de Padmé⁹, quando eles se conhecem.

Seguindo nessa linha, Kohan (2020) nos traz essas três formas de temporalidade que foram constituídas pelos gregos. *Kairós*, *Aión* e *Chronos*:

(...) khrónos é um tempo adulto: o tempo do sistema educativo, das instituições educacionais, da organização do trabalho pedagógico. Tudo o que acontece nas escolas contemporâneas é regido por khrónos: os níveis de ensino, as planificações docentes, a sequência curricular...e a importância de khrónos para a vida social é uma das principais coisas que ensina a instituição escolar, desde a creche até a universidade: as crianças entram nas creches no seu tempo aiônico e saem adultos adequadamente cronologicados. (KOHAN, 2020, p. 07)

Agora, por que trabalharmos com todas essas noções de tempo? Elas se evidenciam durante o filme ou durante a escolaridade? Entendemos aqui que as diferentes formas de observamos os tempos influenciam a maneira como a educação age sobre os corpos das crianças e sobre sua(s) infância(s).

As temporalidades se materializam e se desmaterializam com a mesma velocidade, pois não existe um único tempo para vivenciarmos um momento e na educação podemos interpretá-las como uma transformação que acontece na infância ou por conta dela, já que as crianças, que ainda não tiveram sua infância negada, vivem esses momentos com todas as suas células, com todos os seus sentidos e com toda a sua força.

2.1 EDUCAÇÃO DE MASSA

Para darmos continuidade a essa problematização do tempo e da constituição de subjetividades e fissuras a partir dele, é necessário introduzirmos um conceito

⁹ Senadora da região de Naboo

que venho trabalhando ao longo das minhas iniciações científicas¹⁰ e nos ajudará a entender esse modelo de encaixe de indivíduos em uma padronização para o controle do tempo

Chamaremos esse projeto político de “educação de massa” que parte de uma ideia regida por controle, por alienação e se faz de uma forma colonizadora, evidenciando um projeto político que condena a infância a uma etapa da vida do ser humano.

A “educação de massa” tem como objetivo desestimular as subjetividades e individualidades de cada ser, uma educação que promove o conteudismo desde os primeiros anos escolares, uma educação que não permite que a “criança seja criança”, uma educação que entende a infância como apenas uma etapa da vida.

Na “educação de massa” o tempo que predomina é o tempo cronológico, pois é nele que os controles se efetivam de maneira a retirar da criança a sua infância, tornando-a um indivíduo que cumpra suas funções sem questionar os motivos pelos quais estes acontecem e, principalmente, para coordenar suas ações, prendendo esta criança a um modelo, um encaixe.

A vivência Jedi pressupõe esse modelo, este encaixe em um modelo de indivíduo. É a partir de uma educação que modela o indivíduo que as subjetividades e os tempos são controlados e, conseqüentemente, nega-se experiências e vivências únicas de cada um.

Se analisarmos atentamente os filmes, a forma como a educação Jedi é conduzida demonstra uma gama de características que modelizam o indivíduo, colocando-o em uma estrutura que nega a sua infância, nega suas subjetividades, nega suas multiplicidades. O controle sobre as emoções tem papel fundamental para que esse indivíduo se constitua como o ideal para cumprir com as funções de um cavaleiro e, com isso, demandando uma idealização de um tempo único, cronológico.

Nessa idealização de uma educação que se constitui para modelizar e controlar a vivência do tempo, trazemos a discussão para o campo da educação

¹⁰ Títulos da Iniciação Científica: “Por entre imagens: massas e coletivos na educação infantil” (2020/2021) e “O currículo massificador: uma cartografia imagética do currículo na educação infantil” (2021/2022)

infantil, espaço em que todos os tempos se apresentam nas experiências que são vivenciadas diariamente ali.

Entendemos aqui que o tempo da criança é *Aíon*, visto que não pressupõe nenhuma marca temporal, a única coisa que importa é a vivência que ali se apresenta, sem se preocupar com o tempo, com as condições, com passado e nem com futuro. Os desdobramentos que surgem desse viver se complementam quando munidas de afetações e coletividades que podem vir a se apresentar nas relações com outras crianças, professoras e professores e funcionários.

Experienciar *Aíon*, é fissurar com a noção de tempo cronológica e dos adultos, é fissurar a ideia capitalista de tempo e, com isso, produzir multiplicidades que não seriam possíveis em um tempo diferente. Vivenciar *Aíon*, pressupõe liberdade, pressupõe estar no seu próprio tempo, rizomando com os dos outros quando de interesse, porém sem obrigatoriedade de estar naquele tempo que alguém determinou.

Importante ressaltar que ao entendermos que o tempo da criança é *aíon*, não queremos dizer que ele seja melhor ou pior que os outros ou que este se sobreponha aos outros, porém entendemos que vivenciar e experienciar esse tempo traz uma diferente característica ao indivíduo.

A educação brasileira hoje vive de etapas, não só no desenvolvimento, mas também na sua formatação nas escolas. Esse modelo preconiza o tempo cronológico, ajudando a “acostumar” os indivíduos para que eles se encaixem no molde capitalista de sociedade. Esse modelo chegou na educação infantil através da BNCC e, por isso, as crianças são tidas como máquina de guerra, pois elas não “aceitam” essa estrutura e potencializam suas vivências na “luta” constante contra esta imposição. O controle exacerbado do tempo na educação infantil é fissurado quando as crianças se encontram, se fazem presentes e se ocupam dos espaços.

3. INFÂNCIA:

Como entender a infância? Como podemos adentrar no infantil desvinculando os ideais que nos são ensinados desde muito cedo? Entendemos não ser possível lidar com a complexidade da infância, visto que desde muito cedo somos conduzidos para um caminho longe dessa infância. A educação ela retira a infância do indivíduo para controlá-lo, para regulamentar a sua vivência e para

que não exista questionamentos acerca das vivências e experiências que se efetivam ao longo da vida e, principalmente, quando somos crianças. Normatizar e controlar corpos e subjetividades é o que surge como questionamentos dos trabalhos que venho realizando ao longo da graduação.b

Buscando o conceito de infância no dicionário encontraremos o seguinte texto: “1. Período do desenvolvimento do ser humano, que vai do nascimento ao início da adolescência; meninice, puerícia.; 2. O conjunto das crianças.” (Dicionário Oxford Languages). Nessa descrição podemos ver que a infância é uma etapa da vida que tem um começo, um meio e um final.

Do grego, a palavra infância deriva de *infans* (*in* = negação; *fans*= fala/razão), nos mostrando que a infância é a “não razão”, “não fala” e, conseqüentemente, o indivíduo infantil não faz parte da sociedade, logo a criança, assim como descreve o dicionário, não é considerado um indivíduo racional para viver nessa sociedade.

A educação surge dessa lacuna criada pela não racionalidade do indivíduo, pois ele teria que ser educado para a razão e poder exercer os seus ofícios, cumprir com as expectativas que a sociedade tem para ele.

O sentimento de infância, construído em torno da criança, é algo que se construiu na Modernidade, se pautando nas ideias apresentadas e concretizadas por Philippe Ariès (1981), podemos afirmar que na Antiguidade a infância e a preocupação de como lidar com as crianças já existia e tinha características específicas da época. Kohan (2005), nos diz que Platão já tinha algumas ideias voltadas para a infância.

O entendimento sobre essa questão passava pela ideia de que era a partir da criança que jovens e adultos eram capazes de se educar e formar uma sociedade regular e estável, desde que fossem pupilos desde a infância até a racionalidade da vida adulta. “*A infância é um problema filosoficamente relevante enquanto se tenha de educá-la de maneira específica para possibilitar que a pólis atual se aproxime o mais possível da normatizada*”. (KOHAN, 2005, p. 27-28).

A criança, vista como um ser irracional e sem controle, quase selvagem, precisava ser comedida e direcionada à racionalidade. Se na infância, como disse Platão, “(...) temos os meninos, que de todos os seres são os mais incontroláveis (...)”, era preciso encontrar uma maneira de lidar com este

comportamento desmedido da criança, que era – e ainda é - considerado um problema.

(...) Essa ideia nos leva a pensar a criança como um animal, dotada de monstrosidade, ou ainda, dito de outra forma, como dizia Platão, conforme já apontamos, como as ovelhas não podem ficar sem pastor, para não se perder, também a criança não pode ficar sem alguém que a vigie e controle em todos os movimentos (...) (LEITE, 2011, p. 75)

A infância, na visão daquele tempo, foi pensada como este ‘espaço’ de seres inacabados que precisavam ter a instrução do adulto, o que detém a racionalidade, que já está completo para viver na complexidade da sociedade e vivendo a plenitude da sua racionalidade. Naquele momento, e diante da monstrosidade da criança, conforme apontada por Platão, e com a necessidade de racionalizar a criança, na perspectiva da construção da polis na Grécia Antiga, nasce a Educação, que chega com a missão de educar o ser humano a partir de modelos pré-estabelecidos, ensinando a ela modos de ser e estar no mundo que são, de forma hegemônica, considerados ideais. Como forma de completar um espírito que ainda não é, ou seja, que ao ser tido como incompleto precisa ser levado à completude (LEITE, 2011), a educação ocupa-se de tirar a criança da infância que carrega consigo uma irracionalidade, para que ao chegar à idade adulta, alcance a razão.

A ideia de formação, e, por conseguinte de educação, passa, entre outros motivos, pela noção de monstrosidade da infância e a necessidade de reformulação do espírito humano e *infantil*. Essa noção, que é base do movimento que no Ocidente vem se produzindo em termos de educação e de práticas educativas com crianças, na perspectiva de tirá-las da infância e levá-las à vida adulta, acabou por produzir uma prática pedagógica e mais ampliada de tirar a infância da criança. (LEITE, 2011, p. 74)

Nesse sentido, entendemos a problemática de discutir a infância e como essa ideia vai se construindo desde a antiguidade até a modernidade.

A percepção de uma infância como uma etapa carrega em si um tom pejorativo, visto que a “não razão” não é vista com bons olhos perante a sociedade, pois ela indica uma falta de conhecimento, falta vivências, falta

experiências, falta... Nesse ponto, é necessário entendermos que a infância não se estabelece na falta, mas sim na construção de subjetividades, na produção de multiplicidades, na coletividade que a criança materializa ao experimentar suas vivências.

Em Star Wars, podemos perceber essa ideia de infância na construção do personagem Anakin Skywalker, quando descoberto e retirado da sua escravidão. A potência que esse personagem tem para a obra é indescritível, pois é ele que nos conduzirá a pensar e refletir sobre as problemáticas de um ensino voltado a um modelo de indivíduo.

Anakin foge de todos os limites impostos aos personagens de Star Wars, pois ele é uma criança fruto da “força” e, por conta disso, tem habilidades fora do comum, causando medo e estranheza a todos que o conhecem e passam a conviver com ele.

As crianças, assim como Anakin, potencializam tudo o que tocam, tudo o que fazem, tudo o que falam, tornando suas visões mais vivas, suas experiências mais confortáveis, escancarando suas multiplicidades e suas subjetividades.

Aqui as crianças, e a própria infância, ganham força como máquina de guerra (DELEUZE E GUATTARI) em sua estruturação contra os aparelhos de estado impostos por uma educação que visa modelar e “catequizar” corpos e subjetividades, fomentando assim a percepção de estudantes que não se enquadram nos modelos impostos. Nesse sentido, a infância se faz necessária para a constituição da criança como máquina de guerra, pois é nela que as nuances entre um modelo educacional e a vontade, os instintos se fomentam. As fissuras são os embates que surgem de um modelo que não se enquadra em lugar nenhum, podendo, e na nossa opinião devendo, não fazer parte de um local certo e determinado.

Em minha disciplina de estágio durante a graduação em Pedagogia escrevi uma crônica sobre o meu primeiro dia e acredito que é possível entender, através de sua leitura, o que essas potencialidades podem causar em nós adultos, nos infantilizando a partir do contato com esses seres infantis.

PRIMEIRO DIA DE ESTÁGIO.

Cheguei na escola e logo me deparei com aquela longa escada que me levava direto ao refeitório, isso mesmo, não chego em uma recepção, uma sala, um pátio, mas sim no refeitório.

Não imaginei que nesse refeitório que seria tão feliz, com conversas, causos, abraços, sorrisos e bocas sujas de molho de tomate. Sorrisos banguelos, sorrisos com dentes careados, sorrisos com os olhos, pois a feição era de desconfiança.

Ao passar pelo refeitório um corredor que me era onde estavam as salas de aula. Cheguei na sala que seria a “minha sala” pelos próximos 12 dias. Notei que era o único homem no espaço. Suei, mesmo com o frio que estava fazendo. Suei de tensão, de emoção e de medo. Sim, crianças me causam medo. Elas fissuram com ideias de tempo, elas rompem com o espaço e movimentam todas as estruturas que se apresentam ali naquele local denominado sala de aula.

Elas começaram a chegar, desconfiadas, me encarando. Algumas sorriam com os olhos, já que as máscaras cobriam seus rostos; já outras franziam o cenho para mostrar que eu não fazia parte daquele espaço.

Quando todas chegaram, me apresentei. Falei que eu me chamava Guilherme, que estudava para ser professor e que ficaria sendo parte da sala deles nos próximos dias.

Após isso, algumas crianças vieram me falar seus nomes e me deram um afetuoso abraço. Todo o medo, todas as inseguranças, tudo de negativo que eu estava sentido, foi embora. Acho que aquelas criaturinhas perceberam meu estado de tensão e foram lá para me aliviar.

Uma em especial me quebrou, como um quebramos o palito do sorvete após tê-lo chupado, dizendo: “Professor, você poderia tirar sua máscara para que eu visse o seu rosto”. Eu fiquei sem reação. Me tremendo, tirei a máscara e quando percebi todas as crianças me encaravam e riam do meu bigode todo desalinhado.

As crianças, de 4/5 anos quebraram o gelo para mim e, assim, passei só 12 dias mais incríveis dos meus últimos anos. Com sorrisos banguelos, sorrisos de olhar, com sorrisos careados, mas sempre sorrisos de afeto e amor. (crônica relatório de estágio)

Como é possível perceber, a infância não é uma falta de racionalidade, mas sim uma vivência cheia de emoções, sensações, descobertas, vivências e experiências. A todo instante as crianças estão buscando absorver e vivenciar algo, desde as coisas mais simples até as mais complexas. As crianças infantilizam tudo aquilo que tocam, tudo aquilo que se dispõe a fazer, observar, falar.

Em um dos momentos do filme, Anakin tem um diálogo com Padmé em que a simplicidade da resposta mostra a potência que uma criança infantil produz apenas com uma fala: “*Você é um escravo?*” – diz Padmé; “*Eu sou uma pessoa, não um escravo. Meu nome é Anakin.*”. Neste diálogo Anakin demonstra a sua força, a fissura com a condição que lhe é imposta e, ainda mais, ele se aproxima de uma racionalidade plena, pois ele entende que ele está em situação de escravidão, porém não deixou de ser um indivíduo perante a sociedade. (usar quando for tentar traçar um paralelo entre o indivíduo não racional e o racional)

Diante disso, é necessário que tracemos uma ideia de infância como condição de existência (KOHAN, 2005) e não mais como o indivíduo “sem razão”. Essa perspectiva traz uma ideia de continuidade, de uma infância em um tempo *Aíon*, que opera em um tempo cronos.

Cabe a nós dizer que não é de interesse discutir neste trabalho qual a melhor ideia de infância, mas sim problematizar a visão ocidental de infância que perpassa a nossa sociedade atualmente.

A infância se constitui no indivíduo e é retirada dele através da educação. Durante minhas pesquisas de iniciação científica, pude analisar os trabalhos realizados pelo Grupo IMAGO e pude observar como as crianças, e suas infâncias, constroem multiplicidades e potencializam as relações existentes no ambiente escolar. Através da produção de imagens¹¹, elas constituem coletivos e fissuram com a “educação de massa” que está proposta na escola a partir de uma ideia de padronização dos indivíduos.

Como dito anteriormente, a “educação de massa” é um projeto político que visa a manutenção de um *status quo*, utilizando-se da educação para tanto. Este projeto tende a “modelar” indivíduos para constituí-los quanto “trabalhadores ideias”, controlados emocionalmente e alienados, para cumprir com um papel predeterminado na sociedade.

A “educação de massa” pedagogiza a educação (RANCIÈRE, 2002), não permitindo que as subjetividades de cada um se aflorem, tornando as relações existente entre os seres as menos complexas possíveis, controlando, assim, a forma como as pessoas se portam e vivem suas vidas. A constituição desse indivíduo massificado visa atender a uma perspectiva de trabalho, de consumo, que não necessita de seres únicos, de pessoas pensantes, de indivíduos infantis, mas sim “robôs” que sabem cumprir determinadas funções, em um tempo determinado, sem questionar, sem pensar, sem “infantilizar”.

Já dizia Leite (2012) sobre essa ideia de “massificação” da educação infantil:

¹¹ Nas pesquisas do Grupo Imago, imagens e vídeos são produzidos pelas crianças da educação infantil. Máquinas fotográficas, tablets, filmadoras são entregues as crianças e elas, sem qualquer roteiro preestabelecido ficam “livres” para gravar o tempo, gravar o momento que quiserem sem qualquer interferência externa de um adulto.

“em uma época como a nossa, povoada de discursos sobre o que e como fazer com as crianças nas práticas educativas, os discursos, as teorias e os protocolos de ações distanciam os professores da própria vida em torno da escola, do cotidiano da escola e de seus modos de produção de sentido para as práticas educativas, modulando práticas, atitudes e posturas. E separando, assim, a educação da vida real, concreta ou material, e ainda, produzindo na educação outra ideia de real, de real da escola, do cotidiano escolar. Ou seja, a materialidade das práticas educativas dirigidas por modos de ser como educador, modos dados e definidos, cria certa artificialidade na educação, cria verdades como modos de controle da vida social – pela educação – por meio dos discursos e das enunciações ciradas em nosso cotidiano, assim “a verdade não tem mais que ser produzida. Ela terá que se representar e se apresentar cada vez que for procurada” (Foucault, 2009, p.117), é nesses movimentos que as ditas verdades acabam por constituir modos prévios de estar no mundo.” – (LEITE, 2012)

Nessa perspectiva, podemos refletir sobre como as práticas educativas vivenciadas, principalmente na educação infantil, permitem que essa “massificação” ocorra, visto que a BNCC pressupõe direitos de aprendizagem, tempos de aprendizagem e, conseqüentemente, modula a forma como devemos lidar com a infância.

4. CONCLUSÃO

Ao iniciar este trabalho, tínhamos como ideia inicial propor uma discussão acerca de algumas formas temporais da filosofia e como as enxergávamos em detrimento da educação. Além disso, pontuar a infância como condição de existência nos ajudou a perceber que as temporalidades não se constituem de forma única e independente, transformando a todo instante, principalmente na mão das crianças, que fissuram, a todo instante, os modelos de tempo, espaço e educação impostos pelos adultos.

Analisar essas fissuras nos permitiram refletir a cerca de que a nossa educação está pautada em um modelo de indivíduo voltado para o mercado de trabalho e, com isso, que precisa ser controlado e, como vai nos trazer Rancière (2002), embrutecido a todo instante, pois um indivíduo crítico não se sujeitaria aos modelos educacionais propostos.

Ainda na apresentação do trabalho, utilizamos dos filmes da saga Star Wars para fazer analogias da educação real com a educação Jedi, que em muito se assemelha ao que chamamos aqui de “educação de massa”. Esse modelo de educação, conforme apresentamos ao longo do trabalho, é um projeto político de ideal educacional, utilizado, desde a educação infantil, para fomentar modelos, encaixes, padrões, institucionalizando nas escolas um indivíduo alienado, robotizado, embrutecido, que apenas obedece, controlado pelo tempo e emocionalmente.

A partir dessas apresentações tentamos demonstrar como as crianças proporcionam fissuras nesses modelos que a “educação de massa” apresenta na educação infantil, potencializando as relações, fissurando as noções de tempo, de espaço, de educação e de infância através de coletivos que se formam a partir das experiências e vivências que se apresentam ao longo da sua vida. Chamamos a formação desses coletivos de “educação coletiva”.

Tentamos esclarecer que este trabalho não tem o intuito de criar ou criticar modelos, mas de apresentar reflexões sobre incômodos que a, pouca, vivência nas escolas me proporcionaram ao longo da graduação, para quem sabe, dar continuidade aos estudos e verificar, mais a fundo, os diferentes modelos que se apresentam.

Outro ponto importante deste trabalho é salientar que “educação de massa” e “educação coletiva” não são antagônicos, assim como os tempos da filosofia ocidental apresentados, mas sim fluem e caminham juntos, assim como a máquina de guerra e os aparelhos de estado (DELEUZE E GUATTARI) não existem um sem o outro. Essas nuances são percebidas ao longo da relação na escola entre os sujeitos da educação, que não são apenas as crianças e as/os professoras e professores, mas sim todo aquele espaço chamado de escola.

. Além disso, a racionalidade que impera no mundo adulto não é a mesma que se apresenta e se caracteriza no mundo das crianças. A infância, que não tem etapa ou idade, mas se materializa nas crianças que ainda não foram corrompidas pelo sistema educacional, projeta um pensar diferente de um “penso, logo existo”, para uma afirmação de “existo, logo existo”. Essa nuance caracteriza, e potencializa, as relações como postas em nossa sociedade, pois ser racional, para o adulto, é pensar para viver, já o racional da criança, ou infantil, é um viver para pensar.

As fissuras que as crianças criam nas relações proporcionam novas formas de pensar, sem criar modelos, sem se estruturar no espaço e no tempo que estão ali, elas apenas são, elas apenas se constituem e, na mesma velocidade, elas dispersam todas as essas vontades.

O principal objetivo deste trabalho, portanto, era o de propor reflexões sobre um incomodo que a escola e a educação me propuseram ao longo da minha graduação, gerando mais dúvidas do que respostas, fazendo com que seja necessária a continuidade das pesquisas e análises

A maioria das questões que surgiram no decorrer deste trabalho ficarão sem respostas, mas caso respondidas gerarão novas perguntas e, com isso, entrando em um rizoma sem fim, que se apresenta nas e através das linhas de fuga que este assunto produz, nos importunando quanto a relação com a infância e, principalmente, mostrando a necessidade de recuperarmos a nossa infância.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2001.
- DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. São Paulo: Ed. 34. 1997.
- DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Felix. *Mil Platôs Volume 4*. Editora 34. SP, 2012
- DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Felix. *Mil Platôs Volume 5*. Editora 34. SP, 2020
- KASTRUP, Virginia. *Pistas do método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2014.
- KOHAN, Walter O. *A infância da educação: o conceito devir-criança*. In: KOHAN, Walter O. (Org.). *Lugares da infância: filosofia*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0184.html>> Não paginado. Acesso em: 12 out. 2017.
- KOHAN, Walter. *Infância: entre Educação e Filosofia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- KOHAN, Walter. *Infância, estrangeiridade e ignorância*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- LEITE, César Donizetti Pereira. *Infância, Experiência e Tempo*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.
- MASSCHELEIN, Jan. *E-ducar la mirada. La necesidad de una pedagogía pobre* In: DUSSEL, Ines; GUTIERREZ, Daniela (Comp.). **Educación la mirada**: políticas y pedagogía de la imagen. Buenos Aires, Argentina: Manantial, 2006.
- MIGLIORIN, C. (2012). *O que é um coletivo*. In A. Brasil, M. Rocha & S. Borges (Coords.), Teia (2002-2012) (pp. 307-316). Belo Horizonte, MG: Teia
- SCHÉRER, René. **Infantis**: Charles Fourier e a infância para além das crianças. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- STAR Wars: *Episódio 1 – A ameaça fantasma*. Direção: George Lucas. Estados Unidos: Lucasfilm, 1999. 136min.
- STAR Wars: *Episódio 2 – Ataque dos clones*. Direção: George Lucas. Estados Unidos: Lucasfilm, 2002. 142min.
- STAR Wars: *Episódio 3 – A vingança dos Sith*. Direção: George Lucas. Estados Unidos: Lucasfilm, 2005. 140min.